

Superlotação leva saúde do DF ao colapso

■ Em busca de um atendimento imediato pacientes lotam PS e esvaziam centros

Kátia Marsicano

Inspirado no modelo inglês do médico de quarteirão e considerado modelo para o País, o Sistema de Saúde do DF corre risco de entrar em colapso com a sobrecarga do atendimento nos prontos-socorros dos hospitais e o esvaziamento dos centros de saúde.

Para comparar, de janeiro a abril deste ano enquanto dez centros de saúde da Ceilândia atenderam 88 mil 609 pessoas em ambulatório, o hospital recebeu na emergência mais de 101 mil 900, destes apenas 20% eram mesmo consultas de emergência.

"As pessoas deixaram os centros e postos de saúde porque sentiram falta do atendimento ideal", admite o secretário de Saúde, Paulo Kalume. O ex-secretário Jofran Frejat, que adaptou a idéia inglesa para Brasília, é mais claro.

"Os médicos não querem trabalhar na periferia com o salário dos hospitais regionais. Os pacientes vão ao centro e não encontram os profissionais. É o suficiente para irem procurar atendimento imediato nos prontos-socorros", explica.

De janeiro a abril de 1994 de um milhão 423 mil atendimentos, mais de 700 foram no pronto-socorro. Isto chega próximo à situação vivida há 15 anos quando 70% do atendimento eram feitos na emergência: pacientes graves

perdiam a vez para gripes e diarréias.

Modelo — A intenção de facilitar a vida das pessoas, que têm — ou teriam — à disposição um médico da comunidade num endereço bem perto de casa, só funcionou bem durante quatro anos, entre 1979 e 1982.

Em 1979, o então secretário Jofran Frejat adaptou o modelo inglês às necessidades de Brasília. Objetivo: esvaziar os prontos-socorros dos hospitais.

Centros e postos de saúde nas regiões administrativas seriam a solução. Para cada 30 mil habitantes foi destinado um hospital e um centro de saúde, com assistência primária e secundária. Terciário só o Hospital de Base.

Até 1993, 40 centros urbanos foram construídos, mais 11 rurais, 13 inspetorias e dois hospitais. Na fase experimental do atendimento, o custo por paciente caiu quatro vezes. Nem passagem de ônibus era preciso pagar.

A procura por consultas em hospitais foi reduzida 30% no pronto-socorro e 40% no ambulatório. A cena de pessoas dormindo na fila para conseguir uma consulta desapareceu.

Solução — Para o secretário Paulo Kalume, a solução para a falta de médicos nos centros e postos pode estar próxima e vem através de uma gratificação de 55% a mais no salário dos profissionais destes locais.



"As pessoas deixaram os centros e postos de saúde porque sentiram falta do atendimento ideal"

PAULO KALUME, secretário de Saúde

70

% dos pacientes internados no HRG são do Entorno

20

% das consultas nos hospitais são de urgência

4,4

milhões de consultas na rede pública de saúde

2

milhões de pessoas residem em Brasília

O cotidiano da concorrência

O Hospital Regional do Gama é o que mais atende na rede. De janeiro a setembro de 1993, foram 278 mil casos no pronto-socorro. Fechou o ano com 375 mil e até abril de 1994, 119 pacientes.

Este ano, as consultas em sete centros mal chegaram a 45 mil. Mas no HRG, passa de mil o total de urgências por dia. Segundo a diretora Edna Maria Fernandes, os pacientes querem mesmo é atendimento na hora.

Isso é verdade. José Moraes, que mora em Santa Maria, foi à emergência do HRG para um curativo no nariz. A distância do Centro de Saúde levou Sônia Dourado ao pronto-socorro, com a filha alérgica.

O Gama ainda pena com a responsabilidade pela região do Entorno. De lá vêm 60% das mulheres grávidas e crianças e 70% dos doentes internados e casos de emergência.

Ceilândia tem 600 mil habitantes, uma cidade campeã em partos: mais de 25 por dia. Dez centros de saúde. No ano passado, foram 310 mil atendimentos no pronto-socorro, contra 56 mil no ambulatório.

Taguatinga, tem sinal semelhante. Além de dividir os doentes com Ceilândia, o hospital, de janeiro a setembro de 1993, atendeu a 242 mil pessoas na emergência. No final do ano, eram 327 mil contra 87 mil no ambulatório.